

# PARAUMAABORDAGEM SINTÁTICO-SEMÂNTICA DO PREFIXO DES-<sup>1</sup>

Alessandro Boechat de MEDEIROS  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## RESUMO

*O presente trabalho investiga o prefixo des- do português brasileiro assumindo o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída. Na proposta, o prefixo nega sub-eventualidades estativas das estruturas de evento dos verbos em que é licenciado. O artigo ainda apresenta uma definição semântica que explica sua ocorrência também em adjetivos e em nomes.*

## ABSTRACT

*This work investigates Brazilian Portuguese prefix des- in the framework of Distributed Morphology and argues that it negates stative subeventualities of the event structures of the verbs in which it is licensed. Moreover, the paper proposes a semantic definition which explains the occurrence of the prefix in adjectives and nouns as well.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Estrutura de eventos. Morfologia distribuída. Prefixo des-.*

## KEY-WORDS

*Distributed morphology. Event structure. Prefix -des.*

---

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer a Ana Paula Scher, a Indaiá Bassani, aos colegas do GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída) e a Miriam Lemle por comentários e sugestões. Gostaria também de agradecer à FAPESP pela bolsa de pós-doutorado (2008/00426-0) que possibilitou esta pesquisa.

## Introdução

Neste trabalho, proponho-me a investigar a natureza do prefixo *des-* usando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Pretendo, portanto, entender sua distribuição, sua contribuição semântica nas estruturas verbais em que ocorre e as restrições de inserção da peça vocabular (ou *Item de Vocabulário*, nos termos da Morfologia Distribuída, doravante MD), o expoente fonológico /des/, que o realiza. Faço ainda algumas considerações sobre sua ocorrência em adjetivos e nomes.

Ao longo do artigo, defendo que o prefixo não faz seleção categorial (contra SILVA; MIOTO, 2009); na verdade, modifica uma sub-eventualidade estativa interna ao VP.

Seguirei aqui algumas ideias desenvolvidas em (MARANTZ, 2006), que trata do prefixo *re-* em inglês, em (BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2009), que analisa o prefixo *des-* em verbos denominais, e em (MARANTZ, 2006) e (SCHER; MEDEIROS; MINUSSI, 2009), que procuram estabelecer representações sintáticas das estruturas de evento dos verbos e uma semântica mínima para suas raízes, fornecendo elementos para explicar a típica distribuição do prefixo entre os verbos da língua<sup>2</sup>. Minha proposta estenderá o *insight* de (BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2009) para além da esfera dos verbos denominais; e, usando a classificação proposta em (SCHER; MEDEIROS; MINUSSI, 2009), pretendo mostrar que o prefixo *des-* faz, sim, uma seleção, mas é uma seleção de natureza semântica, modificando somente verbos cujos significados envolvam um elemento com interpretação estativa.

O artigo tem a seguinte organização. Na seção 1, apresento alguns dados (tirados, em grande parte, de OLIVEIRA, 2009) e faço algumas considerações sobre eles. Na seção 2, discuto brevemente os trabalhos

<sup>2</sup> Para alguns autores que defendem uma representação sintática de propriedades da estrutura de eventos associada aos verbos: MARANTZ, 2006, BORER, 2005, RAMCHAND, 2008, PYLKKÄNEN, 2002, entre outros.

de Silva e Miotto (SILVA; MIOTO, 2009), Bassani et alii. (BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2009) e Scher et alii. (SCHER; MEDEIROS; MINUSSI, 2009), explicitando suas contribuições ao presente trabalho e discutindo alguns de seus problemas e limitações. Na seção 3, proponho uma definição semântica para o prefixo e discuto sua ocorrência em verbos, nomes e adjetivos; também procuro estabelecer as condições de inserção do expoente fonológico que o realiza. Na seção 4, concluo o trabalho discutindo alguns possíveis problemas da abordagem proposta.

## 1. Algumas considerações sobre os verbos com prefixo *des-*

Nesta seção defendo que os verbos que aceitam a prefixação *des-* pressupõem um estado, normalmente consequente ou alvo (PARSONS, 1990; KRATZER, 1999), do processo que tal verbo denota. Refiro-me ao estado que seu complemento, quando o verbo é transitivo, atinge sempre que o referido processo culmina<sup>3</sup>. Defendo, ainda, que o prefixo *des-* nega ou inverte tal estado, **não o processo associado**. Por exemplo, o verbo *desenterrar* pressupõe um estado: “enterrado”, “inteiramente coberto por terra”, “sob o solo”, estado alvo de um possível evento de enterrar. Ao final do evento de *desenterrar*, o que estava “sob o solo” não mais permanece em tal estado, atinge o estado “não-enterrado”, ou “não mais inteiramente coberto por terra”.

Mas por que afirmo que a inversão ou negação que o prefixo realiza é do **estado** e não do evento ou processo associado?

Importante notar que, apesar de alguns autores (Cf. SILVA; MIOTO, 2009) considerarem que o prefixo *des-* tem efeito de inversão sobre eventos ou processos, de fato seus efeitos semânticos são sentidos sobre estados de alguma forma associados a estes, mas que independem

<sup>3</sup> Não estou afirmando, entretanto, que o estado só pode existir como decorrência do evento ou processo em questão. Ver discussão na sequência.

da ocorrência de tais eventos ou processos. Caso semelhante ao do prefixo *re-* em inglês, que, como apontado por Marantz (MARANTZ, 2007), entre outros autores, não indica a repetição de um evento/processo denotado pelo VP inteiro, mas descreve a re-ocorrência de um estado associado a este. De fato, verbos com *des-* não pressupõem os eventos que os correspondentes verbos sem o prefixo denotam. Se, por exemplo, o prefixo *des-* em *desenterrar* pressupusesse o evento de *enterrar*, frases como “o João desenterrou as raízes daquela árvore” não deveriam ser aceitáveis em contextos em que as raízes jamais foram enterradas. Isso vale para inúmeros outros casos, senão todos: *descolar* (que não pressupõe que algo tenha sido colado ou se tenha colado), *desacordar* (que não pressupõe que alguém tenha acordado), *desorganizar* (que não pressupõe que algo tenha sido organizado ou se tenha organizado), *descolorir* (que não pressupõe que algo tenha sido colorido), etc. É tarefa simples imaginar contextos em que usamos os verbos prefixados sem que o evento denotado pelo verbo de base tenha necessariamente ocorrido. E como reforço à ideia de que o prefixo *des-* não inverte ou nega um processo qualquer, lembro que os típicos verbos que denotam atividade normalmente não o aceitam, mesmo quando há um ponto final para a atividade: *\*descorrer (um quilômetro)*, *\*destrabalhar (até o dia raiar)*, *\*desdançar (a valsa)*, *\*despular*, *\*desgritar*, *\*desfalar (as palavras mágicas)*, etc. Tais verbos não implicam, pelo menos não de maneira óbvia, mudança de estado de seu participante (agente), e, portanto, não servem de base para uma derivação que envolva tal prefixo.

A discussão acima nos leva a concluir que *des-* é licenciado somente quando um estado (do complemento ou do sujeito inacusativo), normalmente estado alvo de um evento associado ao verbo de base, é pressuposto.

Tendo isso em mente, a questão que se coloca agora é se essa conclusão se estende também a itens como *desossar*, *descascar*, *desmembrar*, *desmatar*, entre outros. Eles não são, aparentemente, derivações de verbos como *ossar*, *cascar*, *membrar*, *matar*. De fato, a gramática tradicional

assume que são verbos derivados de substantivos por parassíntese. Nos exemplos, os substantivos denotam tipos de entidades do mundo (osso, casca, membro, mato); não há, pois, na base, um verbo ao qual se associe um estado alvo ou consequente. Então, qual é o estado inicial dos complementos de tais verbos, estado invertido ou negado pelo prefixo?

Com relação aos itens mencionados no parágrafo anterior, proporei, na seção 3, que existe um elemento relacionador/predicador (BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2009), como uma preposição não pronunciada (HALE; KEYSER, 1993), que cria um estado de posse inalienável, ou uma relação parte-todo, entre a entidade associada à raiz e a entidade denotada pelo complemento do verbo. Esse estado é invertido ou negado pelo prefixo *des-*, que, semanticamente, modifica a predicação introduzida pelo relacionador não-pronunciado de que falei acima. Assim, quando desossamos um frango, invertemos ou negamos o estado inicial de posse dos ossos pelo frango (“frango com ossos”), e quando descascamos uma laranja, o mesmo fazemos com relação à laranja e sua casca.

As observações desta seção vão orientar as análises desenvolvidas na seção 3 do presente artigo. Na sequência dessas considerações, pretendo preparar o terreno para a análise, mostrando que (a) uma abordagem baseada numa seleção por tipos semânticos pode ser mais interessante do que uma abordagem baseada em seleção categorial (Cf. SILVA; MIOTO, 2009); e (b) que uma abordagem sintática, na qual o prefixo *des-* modifica uma predicação “interna” ao verbo de base, nos leva a generalizações importantes sobre os dados, e pode nos fornecer elementos para o objetivo maior de entender e representar a estrutura argumental/de evento dos verbos da língua.

O artigo também defende que, dos pontos de vista semântico e sintático, prefixos podem ser de dois tipos, pelo menos: adverbiais, como é o caso de *des-*, *in-* e *re-*, e predicadores, como é o caso de *en-*, em *engavetar*, ou *a-*, em *aterrar*.

## 2. Discutindo outras abordagens

Em artigo recente, Silva e Miotto (SILVA; MIOTTO, 2009) defendem a ideia de que os prefixos, assim como os sufixos, selecionam rigidamente a base com que se combinam. Por assumirem que o tipo de seleção feita pelos prefixos é como a dos sufixos, as categorias para as quais os prefixos olham são morfossintáticas.

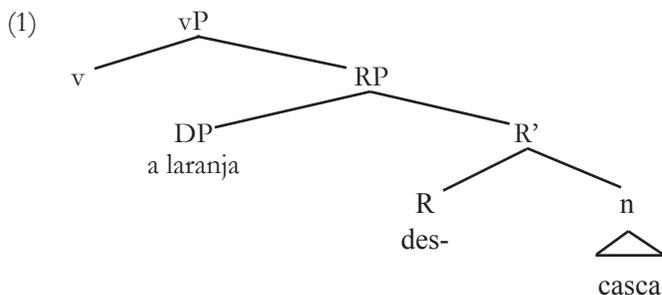
Os autores começam discutindo o caso de *imobilização*, nominalização de verbo deadjetival. Haveria três possibilidades de anexação do prefixo, a saber: diretamente ao adjetivo da base, como em  $[_N [_V [_A \text{ i-mobil}]] \text{ iza}] \text{ ção}$ ; à camada verbal, como em  $[_N [_V \text{ i-} [_A \text{ mobil}]] \text{ iza}] \text{ ção}$ ; ou à camada nominal, como em  $[_N \text{ i-} [_V [_A \text{ mobil}]] \text{ iza}] \text{ ção}$ . Como, segundo os autores, não há razões para se acreditar que os processos verdadeiramente morfológicos sejam irrestritos, é preciso observar a distribuição do prefixo *in-* em outros domínios, em busca de regularidades, para que escolhamos uma das três possibilidades de anexação acima. Ao notarem que o prefixo *in-* é produtivo em adjetivos (*imóvel, infeliz, irreal, impessoal, insensato*), concluem que ele deve selecionar adjetivos, e, portanto, a estrutura correta para *imobilização* seria a primeira das três apresentadas. Em suas próprias palavras, os autores, assim, estendem “aos prefixos a capacidade, verificada em outros domínios da gramática, de um certo item selecionar os elementos com os quais se combina” (p. 15).

Na sequência, Silva e Miotto tratam do prefixo *des-*, começando com a palavra *desmobilização*. Onde estaria anexado o prefixo aqui? Mais uma vez, temos três possibilidades:  $[_N [_V [_A \text{ des-mobil}]] \text{ iza}] \text{ ção}$ ,  $[_N [_V \text{ des} [_A \text{ mobil}]] \text{ iza}] \text{ ção}$  e  $[_N \text{ des} [_V [_A \text{ mobil}]] \text{ iza}] \text{ ção}$ . Ao observarem que o prefixo *des-* toma verbos não deadjetivais, como *fazer, conectar* ou *combinar*, os autores concluem que o prefixo combina-se produtivamente com verbos, e, portanto, a estrutura correta é a segunda acima. Mas, ora, o que fazer com *desnecessário, desleal, desumano, deselegante, desigual*? Para os autores, não estamos diante de contra-exemplos para a hipótese de

seleção categorial rígida: a questão é que há dois prefixos *des-*: um que se combina com verbo, cujo sentido é o de reversão de um processo; outro que se combina com adjetivo, cujo sentido é o de negação. Ou seja, trata-se de homonímia: existe um *des*<sub>-1</sub> que seleciona verbos e tem um sentido e um *des*<sub>-2</sub> que seleciona adjetivos e tem outro sentido.

O tratamento apresentado por Silva e Miotto para o prefixo *des-* apresenta, a meu ver, dois problemas: (a) como discuti acima, o prefixo não denota reversão de processo, mas nega ou inverte um estado<sup>4</sup> que *pode* decorrer de um processo; (b) a seleção categorial traz consigo uma multiplicação de homônimos (vejam-se os dois prefixos, *des*<sub>-1</sub> e *des*<sub>-2</sub>, mencionados acima) no léxico, como se esses itens não tivessem qualquer relação. Ainda que concorde que deva haver algum tipo de seleção rígida de uma base por um prefixo, acredito que assumir que esta seleção é categorial não leva às melhores generalizações.

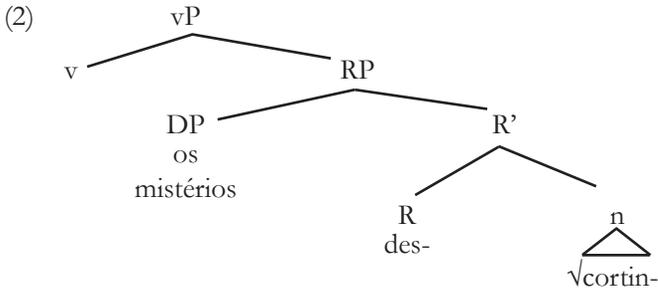
Outro artigo de interesse que pretendo discutir aqui é o de Bassani et alii (BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2009), que trata exclusivamente da distribuição do prefixo *des-* em verbos denominais. Estudando casos como o de *desossar*, *despencar*, *descartar*, *desmascarar*, *descortinar*, *destampar*, *desnaturar*, *desfrutar*, *descascar*, etc., os autores defendem que os verbos possuem a estrutura apresentada em (1) abaixo, para o verbo *descascar*:



<sup>4</sup> Note-se que *leal*, *humano*, *necessário*, *igual*, etc. denotam estados ou propriedades e aceitam o prefixo *des-*.

Aqui, a base é nominal (existe, pois, uma fase nominal, nos termos de MARANTZ, 2001); o relacionador R une uma base nominal a um DP, criando uma predicação interna ao verbo. Uma aproximação para a semântica de R seria o significado da preposição *sem*. RP denota um estado e *v* introduz um evento. Conforme Marantz (MARANTZ, 2006), inspirado em Hale e Keyser (HALE; KEYSER, 2002 – doravante H&K), havendo duas eventualidades (estados ou eventos) representadas na estrutura, estabelece-se uma relação de causação ou implicação entre elas. Portanto, vP acima tem um significado razoavelmente descrito pela paráfrase: um evento ou atividade, não especificada, causa ou produz o estado “laranja sem casca”. De um modo geral, o processo denotado pelo verbo pressupõe um estado de posse (inalienável), ou uma relação parte-todo, entre a entidade denotada pelo DP complemento do verbo e a entidade denotada pelo nome mais encaixado.

Os autores notam que há, entretanto, alguns problemas com a paráfrase e a estrutura (1) acima. Por exemplo, a expressão *descortinar os mistérios*, a não ser num sentido metafórico, não denota um evento que causa o estado “mistérios sem cortina”. E o que dizer da expressão *desnaturar o carnaval*? Que denota um processo que leva ao estado “carnaval sem natura”? Para resolver essa questão, Bassani et alii propõem, seguindo mais uma vez Marantz (MARANTZ, 2001), que a estrutura (1) acima pode ter como base não um nome, mas uma raiz. Assim, o primeiro categorizador morfossintático passa a ser o verbalizador, a estrutura é uma estrutura de primeira fase, e o significado da raiz vai ser negociado levando em conta tudo que está presente nesta fase (Cf. MARANTZ, 2001). O esquema (2) a seguir ilustra a ideia, para *descortinar os mistérios*:

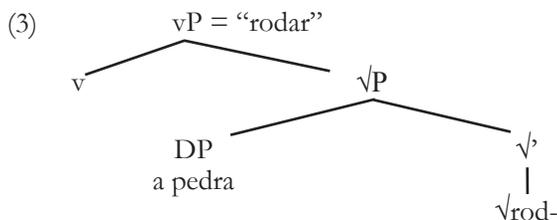


Em (2), como não há uma fase mais encaixada em que o nome *cortina* é construído, o verbo *descortinar* não precisa implicar o significado do nome *cortina* (Cf. KIPARSKY, 1982; MARANTZ, 2001; ARAD, 2002). O verbo *descortinar*, pois, passa a ter o sentido próximo ao de *revelar*. De qualquer modo, algum significado estrutural se preserva, pois o que estava num estado de obscuridade sai desse estado ao final do processo.

A proposta de Bassani et alii traz a ideia interessante de associar o prefixo *des-* a uma predicação interna ao verbo. Entretanto, por seu escopo limitado, não ajuda muito a fazer generalizações sobre a distribuição do prefixo *des-* em outros contextos. Ademais, não me parece justificada a separação entre os casos em que o verbo é derivado de uma raiz e os casos em que é derivado de nome. Creio que o raciocínio mais correto, coerente com a teoria adotada aqui e por Bassani et alii, é: se um verbo aparentemente denominal não inclui, em seu significado, o significado do nome em questão, podemos afirmar que tal verbo não é, de fato, denominal, mas derivado da raiz do suposto nome de base; no entanto, se um verbo aparentemente denominal inclui o significado do nome em seu significado, não me parece que possamos afirmar que, necessariamente, a derivação tenha uma fase nominal: a raiz, por si só, pode estar introduzindo tal significado no verbo. Assim, não há qualquer razão de ordem semântica para se postular duas estruturas como acima. E, portanto, ao tratar de tais casos na seção a seguir, assumirei a hipótese nula de que suas derivações não passam por uma fase nominal.

O *insight* de Bassani et alii, entretanto, sugere a ideia de que, talvez, o prefixo *des-* seja o modificador de uma predicação interna ao verbo, numa estrutura de evento sintaticamente representada. Em Scher et alii (SCHER; MEDEIROS; MINUSSI, 2009), propõem-se estruturas de evento para os verbos da língua, tomadas, em grande parte, de Marantz (MARANTZ, 2006) e H&K (HALE & KEISER, 2002), e uma classificação para suas raízes, baseada num sistema com dois traços semânticos, que procuram dar conta de uma certa regularidade na sua distribuição entre as estruturas de evento propostas.

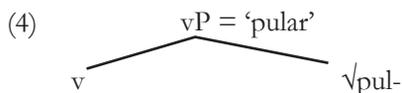
Assim, os verbos de alternância causativo-incoativa seriam tipicamente bi-eventivos (Cf. MARANTZ, 2006; PYLKKÄNEN, 2002; entre outros), e suas raízes introduziriam uma eventualidade (estado ou evento/processo) e uma predicação interna (criariam uma posição temática<sup>5</sup> para um sujeito interno, o complemento do verbo). O esquema a seguir o ilustra:



A raiz  $\sqrt{\text{rod-}}$  de (3) denota um processo (o verbo *rodar* não implica, necessariamente, um estado) do qual o DP *a pedra* é o participante. O verbalizador tem a função de introduzir um processo na semântica da estrutura. Havendo duas eventualidades, estabelece-se uma relação de causação ou implicação (conforme vimos acima) entre elas – e o evento introduzido pelo verbalizador, não especificado, faz com que a pedra rode.

<sup>5</sup> Na verdade, ainda que isso não seja relevante para este artigo, falamos de papéis aspectuais (TENNY, 1994), não temáticos. Ver Scher et alii. (SCHER; MEDEIROS; MINUSSI, 2009) para uma discussão sobre o assunto.

Existe, ainda, um conjunto de raízes que denotam modo, modificam (adverbialmente) o verbalizador, e criam estruturas mono-eventivas (Cf. MARANTZ, 2006). Tais raízes não predicam, e, portanto, não criam estruturas bi-eventivas por si mesmas. Para que uma estrutura em que elas ocorram seja bi-eventiva, outro elemento predicador, introdutor de uma eventualidade, deve estar presente<sup>6</sup>. O esquema a seguir ilustra como deve ser a anexação deste tipo de raiz ao sintagma verbal.



Note-se que as formas ??despular, ??desgritar ou ??destrabalhar são degradadas – isso porque, como se verá, pelo menos em suas formas intransitivas, tais verbos não implicam um estado atingido ao final do processo.

As ideias discutidas nessa seção servirão de base para as propostas a seguir. As conclusões são: (a) o prefixo deve ter propriedades de seleção rígidas (e assumirei que as tem), mas essa seleção não deve ser por categoria gramatical; (b) o prefixo des- não deve ocorrer em estruturas em que só haja eventualidades dinâmicas (não-estativas) envolvidas.

### 3. A proposta

#### 3.1. Para os verbos

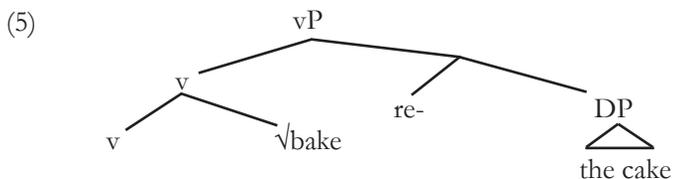
Assumirei que o item de Vocabulário /des/ realiza um núcleo de negação<sup>7</sup>, que possui escopo bem limitado, tomando um estado interno

<sup>6</sup> O mesmo raciocínio vale para raízes que tipicamente denotam entidades, como se verá mais adiante.

<sup>7</sup> Definir “inversão de um estado” parece-me tarefa bastante difícil; portanto, assumo que o prefixo de fato nega tal estado, o que, creio, com alguns ajustes, produzirá os resultados esperados. Ademais, assim, a definição semântica para o prefixo funciona bem para outras classes de palavras, como nomes e adjetivos, em que nenhum estado é invertido, pois não há evento que os tenha como resultado.

sintaticamente representado. Se há alguma seleção envolvida, esta seleção é por tipo semântico, não por categoria sintática.

Na seção 2, apresentei uma breve discussão sobre estruturas de evento sintaticamente representadas (Cf. MARANTZ, 2006; SCHER; MEDEIROS; MINUSSI, 2009). Aproveitando-a, defenderei aqui que, em se tratando de verbos, o prefixo *des-* será tipicamente licenciado em estruturas bi-eventivas, onde ou a raiz denota um estado atingível por um dos participantes do processo quando este culmina, ou há alguma predicação interna ao verbo que denota um estado atingível pelo processo<sup>8</sup>. O prefixo em questão modificará tal estado. A ideia é inspirada fortemente em proposta de Marantz (MARANTZ, 2006) para o comportamento do prefixo *re-* em inglês. No texto, Marantz defende que em sentenças como *John rebaked the cake* o prefixo *re-* modifica uma sub-eventualidade do vP e anexa-se diretamente ao constituinte que remete à eventualidade referida, conforme o esquema a seguir:



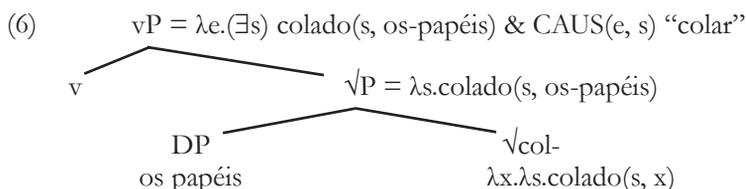
Em (5), *bake* é um verbo de criação e o DP *the cake* denota ambigualmente uma entidade criada e um estado atingido (uma sub-eventualidade) por um conjunto de ingredientes (ovos, farinha, leite, etc.), estado compatível com o processo descrito por *bake*. O prefixo *re-* no esquema restitui os ingredientes ao estado “the-cake”, não denota a repetição do processo que criou um bolo específico, contextualmente relevante, denotado pelo DP *the cake*.

<sup>8</sup> Mas o que dizer de *desmentir* e *desdizer*, a cujos verbos de base, *mentir* e *dizer*, não parecem estar associados estados de qualquer natureza? No final do artigo faço algumas considerações sobre este problema.

No presente artigo, defenderei que o prefixo *des-* do português também modifica sub-eventualidades numa estrutura de evento complexa: os estados atingíveis por certos processos. Não quero dizer, com isso, que o prefixo *des-* do português se comporta exatamente como o prefixo *re-* do inglês; tampouco pretendo promover, aqui, uma discussão exaustiva sobre as diferenças entre o comportamento do prefixo *des-* do português e os comportamentos do prefixo *re-* do inglês e do prefixo *re-* do português. Isso fica para pesquisas futuras. Por ora, a informação relevante é a que está no início deste parágrafo.

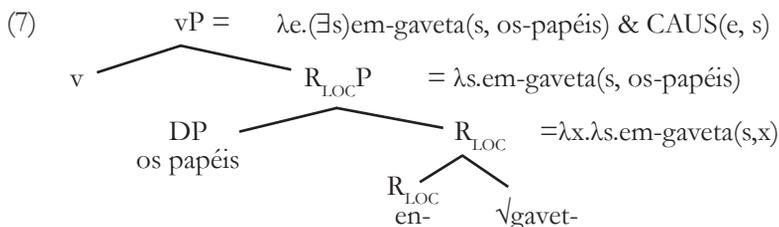
Seguindo propostas apresentadas na seção 2, assumirei que as raízes podem denotar eventualidades (estados ou processos), modos ou entidades. Ainda, seguindo Scher et alii., proponho que: (a) as raízes que denotam eventualidades também podem predicar; (b) as raízes que denotam entidades só ocorrerão no ambiente verbal se neste ambiente houver um elemento relacionador, que crie uma predicação para o complemento do verbo de que são base; (c) as raízes de modo vão combinar-se diretamente ao verbalizador, e não selecionam, sozinhas, argumentos (ou seja, não predicam).

As raízes dos verbos de alternância causativo-incoativa, como vimos, são das que denotam eventualidades. Tomemos o exemplo do verbo *colar*. A estrutura básica deste verbo, seguindo tal proposta, na sua versão incoativa, é como (6) a seguir:



Aqui, a raiz denota um estado, grosseiramente traduzido por “colado” no cálculo semântico, e introduz um variável de estado (s) na estrutura. A raiz também abre uma posição que deve ser preenchida por uma entidade. Quando o verbalizador é anexado ao sintagma raiz, uma relação de causação ou implicação (Cf. H&K; MARANTZ, 2006; PYLKKÄNEN, 2002) se estabelece entre o evento introduzido por ele e a eventualidade introduzida pela raiz. Portanto, grosseiramente, o esquema (6) nos diz que um evento ou uma atividade de determinado tipo, mas não especificados no verbo, produzem ou causam, quando culminam, um estado em que os papéis estão colados. Sem um núcleo de Voz, introdutor de argumento externo, anexado a vP, o verbo é intransitivo com interpretação incoativa; se anexarmos o núcleo de Voz, o verbo passa a ser transitivo com interpretação causativa (ver, entre outros trabalhos, PYLKKÄNEN, 2002; MARANTZ, 2006; SCHER; MEDEIROS; MINUSSI, 2009).

Quando a raiz é da classe das que tipicamente denotam entidades no mundo, é preciso, como já coloquei acima, um elemento que estabeleça uma predicação para que ela ocorra no ambiente verbal. É o que faz  $R_{LOC}$  no esquema (7). Assumo, pois, conforme a proposta já clássica de H&K, que o prefixo de *engavetar* é uma espécie de preposição locativa com propriedades de afixo. O cálculo para a expressão *engavetar os papéis* é apresentado:



No esquema, quando acrescentamos o verbalizador, que, segundo assumo, introduz um evento, estabelece-se uma relação de causação

entre esse evento e o estado mais encaixado. Uma paráfrase (imperfeita) para o significado final da estrutura seria: um evento, uma atividade de determinado tipo, não especificada no verbo, produz ou causa, quando culmina, um estado em que os papéis estão “em gaveta”. “Em gaveta” é, pois, um estado alvo, exatamente como na definição de Parsons (PARSONS, 1990).

Neste momento, vale dizer alguma coisa sobre as paráfrases apresentadas. Segundo proposta de Marantz (MARANTZ, 2001), a formação de palavras se dá por ciclos ou fases, sendo a primeira fase – o ambiente que envolve a raiz e o primeiro categorizador – o local onde propriedades semânticas e fonológicas da raiz se estabelecem – ou, mais especificamente, o momento em que, na derivação, a Enciclopédia, onde os significados especiais das raízes em ambientes sintáticos específicos estão listados, é consultada. Nos esquemas acima, vemos que o primeiro categorizador é o verbalizador mais alto. Tomando a visão de Marantz, quando o *v* é anexado a derivação até este ponto sofre o *spell-out* e é enviada para a interface conceitual, que, por sua vez, consulta a Enciclopédia para especificar o significado da raiz presente na estrutura. Observe-se que nos esquemas todos os elementos abaixo do verbalizador criam o ambiente sintático que define o significado especial da raiz. O fato de a estrutura ser de primeira fase explica certas idiosincrasias de significado, particularidades que tornam as paráfrases apresentadas imperfeitas, que fazem com que seus significados finais não sejam perfeitamente composicionais. Em alguns casos, há afastamentos mais radicais dos significados composicionais esperados. Por exemplo, *engavetar o processo* não necessariamente quer dizer “colocar o processo em gaveta”: a raiz de *gaveta* pode ganhar um significado especial<sup>9</sup> no contexto do DP *o processo*, e *engavetar o processo* pode querer dizer “não lhe dar

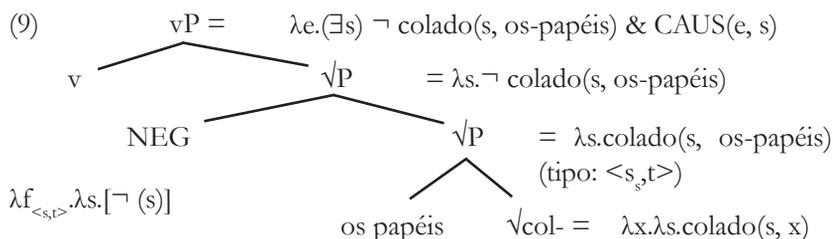
<sup>9</sup> O que faria com que, em (7) acima, sua denotação não mais fosse:  $\lambda y.gaveta(y)$ . À raiz da palavra *gaveta* podem corresponder diversas entradas enciclopédicas, que levam em conta contextos sintáticos específicos, como a presença do DP *o processo* em uma estrutura como (7), por exemplo.

prosseguimento”, fazer com que entre numa espécie de “inatividade”. Observe-se, entretanto, que um certo significado estrutural permanece, pois o verbo continua denotando um evento que causa um determinado estado atingido pelo processo.

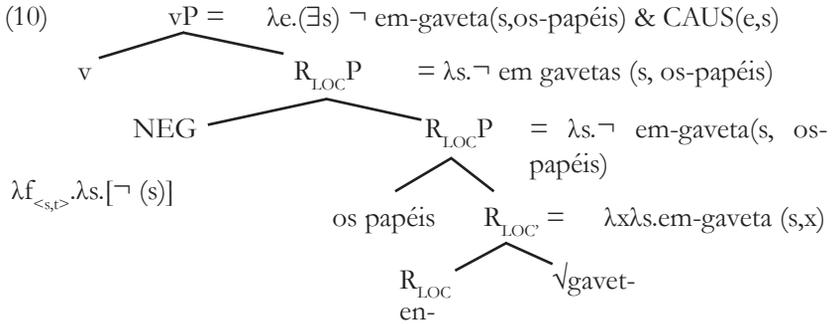
Voltando aos esquemas acima, vemos que a última camada antes da anexação do verbalizador caracteriza uma função de tipo semântico  $\langle s, t \rangle$ : eventualidade em valor-verdade. Aqui, acrescento um sub-escrito  $s$ , que indica que a eventualidade é do tipo *estado*, não *evento* (o qual é dinâmico). Assumindo a ideia de que o prefixo analisado neste artigo nega um estado (interno ao verbo), proponho a seguinte definição semântica para ele. Observe-se que, com esta definição, tal núcleo só poderá combinar-se com (e modificar) um nó cujo tipo semântico associado for  $\langle s, t \rangle$ , independentemente de sua classe morfológica ou categoria gramatical.

$$(8) [[\text{NEG}]] = \lambda f_{\langle s, t \rangle} . \lambda s. [\neg f(s)]^{10}$$

Os esquemas a seguir mostram com mais clareza onde, segundo a proposta defendida aqui, deve anexar-se o prefixo. Tal prefixo não tomará de forma alguma o vP inteiro, pelo menos não nos casos aqui estudados, pois este vP inclui um *evento*, categoria semântica incompatível com a denotação de NEG dada acima. Os cálculos para *descolar os papéis* e *desengavetar os papéis* são explicitados:



<sup>10</sup> A função  $f$  em  $\lambda f$  é de tipo  $\langle s, t \rangle$ . Infelizmente, não foi possível colocar o sub-escrito  $s$  na expressão.



Em (9) e (10), os vPs denotam mais ou menos o seguinte: (a) um evento (uma atividade de determinado tipo, não especificada pelo verbo) produz ou causa, quando culmina, um estado em que os papéis não estão colados; (b) um evento (uma atividade de determinado tipo, não especificada pelo verbo) produz ou causa, quando culmina, um estado em que os papéis não estão em gaveta. Contudo, algo que parece não estar contido nas paráfrases (ou no cálculo acima), e que precisa ser acrescido ao seu significado, é que os estados negados na expressão são estados iniciais dos processos denotados: para *descolar os papéis*, é preciso que os papéis estivessem colados antes de iniciar-se o processo de descolamento; o mesmo vale para *desengavetar os papéis*. As paráfrases, como estão formuladas em (a) e (b), também são compatíveis com situações em que os estados “colado” e “em gaveta” não eram iniciais. Imagine-se uma situação em que alguém quer colar os papéis e outra pessoa faz coisas que o impedem de consegui-lo, mantendo, assim, os papéis não-colados. Em tal contexto, não posso dizer que a segunda pessoa causou, com determinadas ações, o estado “papéis não-colados”? Nesta situação, teria ela *descolado os papéis*? Creio que não. O mesmo raciocínio vale para a paráfrase de *desengavetar*. Como lidar, então, com um problema assim? A solução que proporei é tentativa, e deverá ser reavaliada em trabalho futuro.

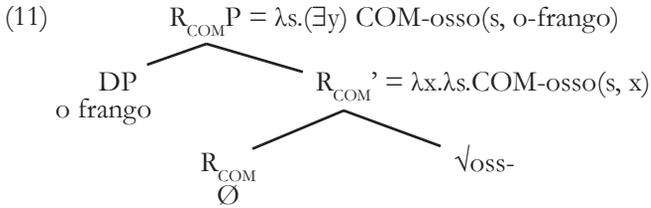
Observe-se que, como estamos ainda no ambiente da primeira fase do verbo, certas especificidades semânticas podem ser acrescidas a seu significado: por exemplo, as condições de verdade de tal tipo de verbo incluam a pressuposição dos estados negados pelo prefixo nas estruturas (9) e (10). Assim, os conjuntos de contextos em que sentenças com *descolar os papéis* e *desengavetar os papéis* são verdadeiras formam subconjuntos dos conjuntos de contextos nos quais as paráfrases propostas são verdadeiras, como queríamos. Seria uma explicação possível para esse aspecto do seu significado<sup>11</sup>.

Um outro conjunto de casos de interesse é o dos verbos que, segundo a tradição gramatical, são denominais e formados por parassíntese. Retomo os exemplos listados na seção 1: desossar, descascar, desmembrar, desmatar. Aproveitando o insight de Bassani et alii (BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2009), proponho que o nó NEG, realizado por des-, tome a estrutura a seguir, que estabelece, no mais das vezes, uma relação de parte-todo entre o objeto do verbo e a entidade denotada pela raiz – digamos tratar-se de um estado de posse inalienável, ou algo próximo disto.

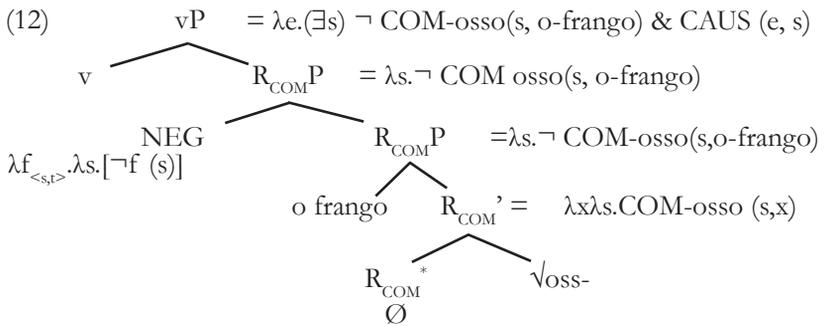
Na formação de um verbo como desossar, o raciocínio aqui desenvolvido nos leva à seguinte estrutura mais encaixada:

---

<sup>11</sup> Considerando insatisfatória essa tentativa de resolver o problema, um dos pareceristas que avaliaram este artigo para a Revista da ABRALIN sugeriu que o estado negado pelo prefixo, no caso dos verbos, fosse entendido como um estado resultante, e que a paráfrase usada fosse com o verbo *ficar*, e não com os verbos *ser* ou *estar*. Não sei se entendo bem a proposta, mas vejo pelo menos um problema na sugestão (ou no meu entendimento da sugestão): como argumento na seção 1, em *desenterrar* o estado negado não necessariamente é uma decorrência ou resultado de algum processo de enterrar – pode simplesmente existir, independentemente de tal processo ter ocorrido alguma vez – e, portanto, o prefixo não deve negar o *estado resultante* do processo em questão (ver nota 2). Ademais, creio que assumir que o prefixo *des-* modifica somente estados resultantes não explicará seu uso em muitos adjetivos e nomes. Cairíamos em outra homonímia para explicar sua distribuição. Em todo caso, a sugestão de refinar a definição do estado modificado por *des-* pode, sim, apontar uma solução melhor do que a formulada acima; mas isto fica para trabalho futuro.



Na etapa seguinte, o prefixo *des-* é adjungido ao  $R_{\text{COM}}P$ , e, posteriormente, toda estrutura é verbalizada com a anexação de *v*:



Grosso modo, a denotação do  $vP$  em (12) é: um evento, atividade não especificada pelo verbo, faz, quando culmina, com que o frango não mais esteja com seus ossos. A proposta acima, entretanto, coloca uma questão, associada à parassíntese: se a estrutura para tais verbos é a que encontramos em (12), o que impede que verbos como *ossar* ou *cascar* existam? É só combinarmos  $R_{\text{COM}}P$  diretamente ao verbalizador, sem a adjunção de NEG, para que tais verbos se formem... Ainda não tenho uma resposta que me satisfaça para esta pergunta, mas apresento, no final deste artigo, algumas ideias que podem apontar um caminho para a solução do problema.

\* Esse elemento relacionador é livremente inspirado em propostas feitas por outros autores, ainda que não compartilhe exatamente das mesmas propriedades com eles. Ver, por exemplo, a preposição HAVE de Heidi Harley (HARLEY, 1997), o aplicativo estativo de M. C. Cuervo (CUERVO, 2003) e a preposição CUM de M. Lemle em vários de seus manuscritos. Importante salientar que não estou afirmando que o  $R_{\text{COM}}$  é semântica e sintaticamente equivalente à preposição *com*, mesmo que na expressão do cálculo pareça ser o que estou dizendo.

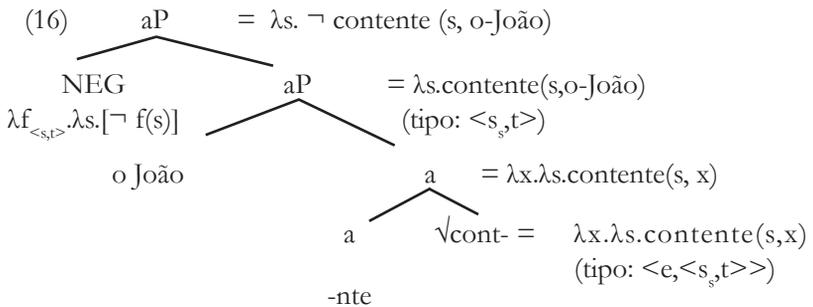


### 3.2. Para adjetivos e nomes

Se muitos adjetivos definem funções de tipo  $\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$ , funções que associam uma entidade a uma função que associa um estado a um valor-verdade, entendemos por que (pelo menos estes) aceitam a prefixação *des-*. Oliveira (OLIVEIRA, 2009) apresenta uma interessante lista de casos (p. 117).

- (15) *desalmado, desambicioso, desamoroso, desatencioso, descaridoso, descarinboso, descaveirado, descômodo, desconforme, descontente, descortês, deselegante, desenvolto, desfavorável, desigual, desjeitoso, desleal, desoportuno, desonesto, desordeiro, desmalicioso, desnobre, desonroso, despatriota, despiedoso, desumano, desvantajoso, etc.*

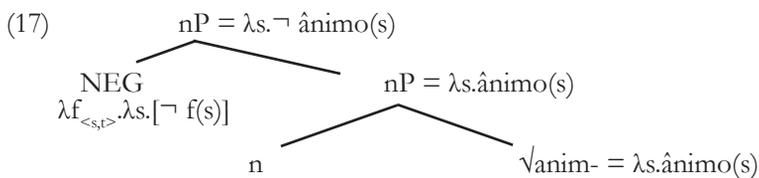
Não pretendo aqui investigar com mais pormenor as possíveis incompatibilidades de certos adjetivos com esse tipo de prefixação. Como penso ter deixado claro, talvez o tipo semântico apontado acima não seja universalmente o dos adjetivos. Gostaria somente de mostrar que, com a definição apresentada acima para o nó NEG, damos conta do fato de o prefixo *des-* também co-ocorrer com essa classe de palavras. O esquema abaixo explicita o cálculo<sup>12</sup>:



<sup>12</sup> Assumo, nas representações a seguir, que os núcleos *a* e *n* servem somente aos propósitos de definir o ambiente em que se dá a negociação de significado e pronúncia da raiz (MARANTZ, 2001) e introduzir categoria sintática, não contribuindo com semântica alguma. Isso quer dizer que são diferentes do núcleo *v* das representações anteriores, o qual introduz um evento. Por isso, em (16) e (17) os nós *a* e *n* ramificados (que dominam a raiz) têm o mesmo tipo semântico da raiz.

Observe-se que o núcleo NEG faz parte da fase aP (ainda que na sua borda), sendo, portanto, parte do contexto que define o significado idiossincrático da raiz. Assim, é possível existirem itens como *desenvolto*, por exemplo, que não denota o estado de não-envolto, ainda que o significado da palavra possa indicar a negação de um estado: algo como não ser limitado em sua capacidade de agir e resolver problemas. Da mesma forma, *desumano* não define o conjunto de entidades não-humanas<sup>13</sup>: o significado de *humano*, aqui, não faz referência a uma espécie animal, mas a um conjunto de valores e condutas em sociedade. Na MD, a relação entre significante e significado não é biunívoca: um significante pode ter vários significados associados, relacionados a contextos sintáticos específicos. No caso de *desumano*, o contexto envolvendo o prefixo *des-* funciona como um vetor que aponta para uma das entradas enciclopédicas associadas à raiz de *humano* – e estabelece o conjunto das entidades que **não** possuem as propriedades “descritas” nessa entrada.

Alguns nomes de estado, em particular muitos nomes de estados psicológicos (*afeto, amor, esperança, alento, ânimo, estímulo, temor*, etc.), também aceitam a prefixação. Assumindo que tais nomes sejam do tipo  $\langle s, t \rangle$ , explicamos o fato: seu tipo semântico é compatível com o tipo selecionado pelo nó NEG. O esquema abaixo ilustra um caso:



Note-se que, uma vez que a definição semântica do nó NEG envolve uma função de estado, (a) esperamos não encontrar o prefixo *des-* anexado a nomes de eventos, como *dança, trabalho, pulo*; e (b) esperamos não encontrá-lo anexado a nomes de entidades no mundo, como *cachorro, gato, pedra*, já que tais nomes denotam funções de tipo  $\langle e, t \rangle$ ,

<sup>13</sup> Pelo contrário: o adjetivo só é aplicável a entidades humanas.

incompatíveis com as propriedades de seleção semântica associadas ao prefixo. Estas duas previsões parecem, de um modo geral, verificar-se.

Também é importante salientar que os adjetivos e nomes com o prefixo *des-*, ao contrário do que ocorria com os verbos, não pressupõem o estado denotado pela raiz. Por exemplo, alguém pode estar descontente com alguma coisa sem ter estado contente com ela antes. Isso reforça a ideia de que a pressuposição do estado é uma particularidade semântica dos verbos assim prefixados, não é algo universalmente associado ao prefixo. Como aos adjetivos e nomes discutidos acima não há processo associado, não há um estado inicial a ser desfeito, e, portanto, não há pressuposição de existência de um estado qualquer.

### 3.3. Inserção vocabular

Concluindo a seção, trataremos do problema da inserção vocabular. Para simplificar a tarefa, vou assumir que há nós com denotações semânticas distintas que compartilham a função de negação, os quais chamarei de NEG<sub>1</sub>, NEG<sub>2</sub>, etc. Então, um NEG pode selecionar proposições, e ocorrer como um advérbio; outro pode, segundo sua denotação, ser realizado pelo prefixo *in-*, e assim por diante. Deste modo, o nó NEG (que vou, por conveniência, chamar de NEG<sub>1</sub>) com a denotação dada em (8) será realizado pelo expoente fonológico /des/, conforme a preliminar regra de inserção a seguir:

$$(18) /des/ \leftrightarrow [NEG_1]$$

O nó NEG<sub>1</sub> pode conter vários traços morfossintáticos, e compartilhar com os outros nós NEG, com outras denotações, um traço associado à negação. Neste sentido, uma regra de inserção definitiva, que envolva correspondência entre traços fonológicos e traços *morfossintáticos*, só será possível com a investigação da distribuição de outros tipos de negação, como o advérbio *não* e o prefixo *in-*. Tal investigação, entretanto, extrapola os objetivos deste trabalho, e fica para outra ocasião.

## 4. Conclusões, questões sem resposta ou possíveis problemas

A conclusão é que o prefixo *des-* seleciona estados e não se prende a categorias morfossintáticas, podendo ocorrer em verbos, nomes e adjetivos. Conhecendo as denotações semânticas destas classes de palavras e as estruturas de evento associadas aos verbos, compreendemos a distribuição do prefixo *des-*, e chegamos à sua denotação: uma denotação única, que evita a multiplicação de entradas lexicais para o prefixo.

Para terminar, esboço respostas, nas subseções abaixo, para duas questões que foram levantadas no texto e em nota. Os problemas pedem por mais reflexão, e as respostas, pois, carecem de investigação mais dedicada.

### 4.1. *Ossar* o frango? *Cascar* a laranja?

Uma das questões que a leitura do artigo coloca, levantada na seção 3.1, diz respeito ao tratamento dado para os casos de parassíntese, como *desossar* ou *descascar*. A abordagem parece permitir que se formem verbos como *ossar* ou *cascar*, aos quais os dicionários não fazem menção<sup>14</sup>. Como lidar com isso? Seriam tais formas agramaticais? Se sim, teríamos que formular uma restrição à combinação direta de R<sub>COM</sub>P com o verbalizador. Mas de que mecanismo geral poderíamos nos valer para fazer isso?

Arrisco-me a dizer que, pelo menos em alguns casos, não há qualquer restrição **gramatical** que impeça a combinação direta dos dois nós mencionados; ou seja, os verbos *ossar* e *cascar* **não** são “agramaticais”, apesar de não serem, com as interpretações relevantes, dicionarizados. São palavras possíveis, mas que definem condições de verdade não facilmente encontradas no mundo. Segundo a discussão acima, *ossar o frango* denotaria algo como causar ou produzir um estado de posse

<sup>14</sup> O dicionário eletrônico Houaiss faz menção ao verbo *cascar*, que teria, entre outros significados, o mesmo significado do verbo *descascar*; nenhum dos significados da entrada, entretanto, é o de “pôr casca em” alguma coisa.

inalienável (ou uma relação parte-todo) dos ossos pelo frango. O difícil é encontrar uma situação no mundo ou num mundo possível que seja compatível com tais condições de verdade. Existindo a situação, entretanto, não me parece haver qualquer problema com o verbo criado.

#### 4.2. Sobre “desmentir” e “desdizer”

Na classificação proposta em Scher et alii, as raízes dos verbos *mentir* e *dizer* seriam, tipicamente, raízes de modo, dinâmicas, associadas a atividades sem um estado alvo, não compatíveis, pois, com a denotação atribuída ao nó NEG realizado pelo prefixo *des-*. *Mentir*, como *dançar* ou *pular*, por exemplo, sequer é transitivo, e seu sujeito é agente (sendo, pois, um verbo mono-eventivo não estativo). Como, então, podem existir os verbos *desmentir* e *desdizer*?

Uma explicação coerente com o modelo da MD seria afirmar que as raízes dos verbos *mentir* e *dizer* podem ocorrer em estruturas como (9) acima porque existem entradas enciclopédicas associadas a elas que estabelecem que, especificamente no contexto sintático representado pelo esquema em (9), tais raízes não denotam um modo, mas um estado – e, portanto, passam a ter o tipo semântico compatível com o domínio estabelecido pelo prefixo. Lembremo-nos de que, na MD, a relação entre significante e significado não é biunívoca. Assim, quando desminto algo que alguém disse, é como se assumisse inicialmente que a coisa dita é uma mentira – assumo, pois, uma qualidade ou um estado para a coisa dita – e desfaço tal mentira *desmentindo-a*. Raciocínio semelhante é aplicável a *desdizer*.

## Referências

- ARAD, M. **Roots and Patterns**. Stanford University, manuscrito, 2004.
- BASSANI, I.; MEDEIROS, A.; SCHER, A. P. **Verbos denominais com prefixo *des-* no português do Brasil**. In: SALLES, H.; REIGOTA, R. Anais do Encontro do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática. Brasília, UnB, 2009 (a sair).
- BORER, H. **Structuring Sense**. Oxford University Press, 2005.
- CUERVO, M. C. **Datives at Large**. Tese (Doutorado), MIT, 2003.
- HALE, K.; KEYSER, S. J. **On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations**. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. *The View From Building 20*. Cambridge Mass: MIT Press, 1993. p. 53-109.
- \_\_\_\_\_. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**. Cambridge, the MIT Press, 2002.
- HALLE, M.; A. MARANTZ. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection**. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). *The View From Building 20*. Cambridge Mass: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HARLEY, H. **You're having me on: Aspects of have**. In: GUÉRON, J.; ZRIBI-HERTZ, A. (eds.). *La grammaire de la possession*. Paris: Université Paris X – Nanterre, 1998. p. 195-226.
- KIPARSKY, P. **From Cyclic Phonology to Lexical Phonology**. In: HULST, H. V. D.; SMITH, N. *The Structure of Phonological Representations*, Dordrecht, 1982.
- KRATZER, A. **Building Statives**. 2000. Disponível em: <<http://semanticsarchive.net/Archive/GI5MmI0M/kratzer.building.statives.pdf>> Acesso em 18 abr. 2003.

MARANTZ, A. **No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon.** In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, Universidade da Pennsylvania, v. 4.2, p. 201-225, 1997.

\_\_\_\_\_. **Words.** MIT, manuscrito, 2001.

\_\_\_\_\_. **Argument Structure and Morphology: Noun Phrases that Name Events,** manuscrito, New York University, 2006.

\_\_\_\_\_. **Restitutive re- and the First Phase Syntax/Semantics of the VP,** manuscrito, New York University, 2007.

OLIVEIRA, S. **Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil.** Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PARSONS, T. **Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics.** Cambridge, Mass: MIT Press., 1990.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments.** Tese (Doutorado), MIT, 2002.

RAMCHAND, G. **Verb meaning and the lexicon: a first-phase syntax.** Cambridge University Press, 2008.

SCHER, A. P; MEDEIROS, A; MINUSSI, R. **Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída.** In: SALLES, H.; REIGOTA, R. Anais do Encontro do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática. Brasília, UnB, 2009 (a sair).

SILVA, M. C.; MIOTO, C. **Considerações sobre a prefixação.** ReVEL, v. 7, n. 12, 2009.

TENNY, C. **Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface,** Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994.